

COORDENAÇÃO  
*Carlos Fortuna*

EQUIPA EDITORIAL  
*Ana Serrano*  
*Bernardo Fazendeiro*  
*Cristela Bairrada*  
*Rita Martins*

# MIL FOLHAS

BOLETIM QUADRIMESTRAL

1 2 9 0  
  
FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



**ABERTURA**  
**LER, MEDITAR  
E APONTAR:  
UMA ÉTICA DO TRABALHO  
INTELLECTUAL**  
*José Augusto Cardoso Bernardes .2*

**REFLEXÃO**  
**A FAZER  
UNIVERSIDADE**  
*Luís Lopes  
e Margarida Antunes .3*

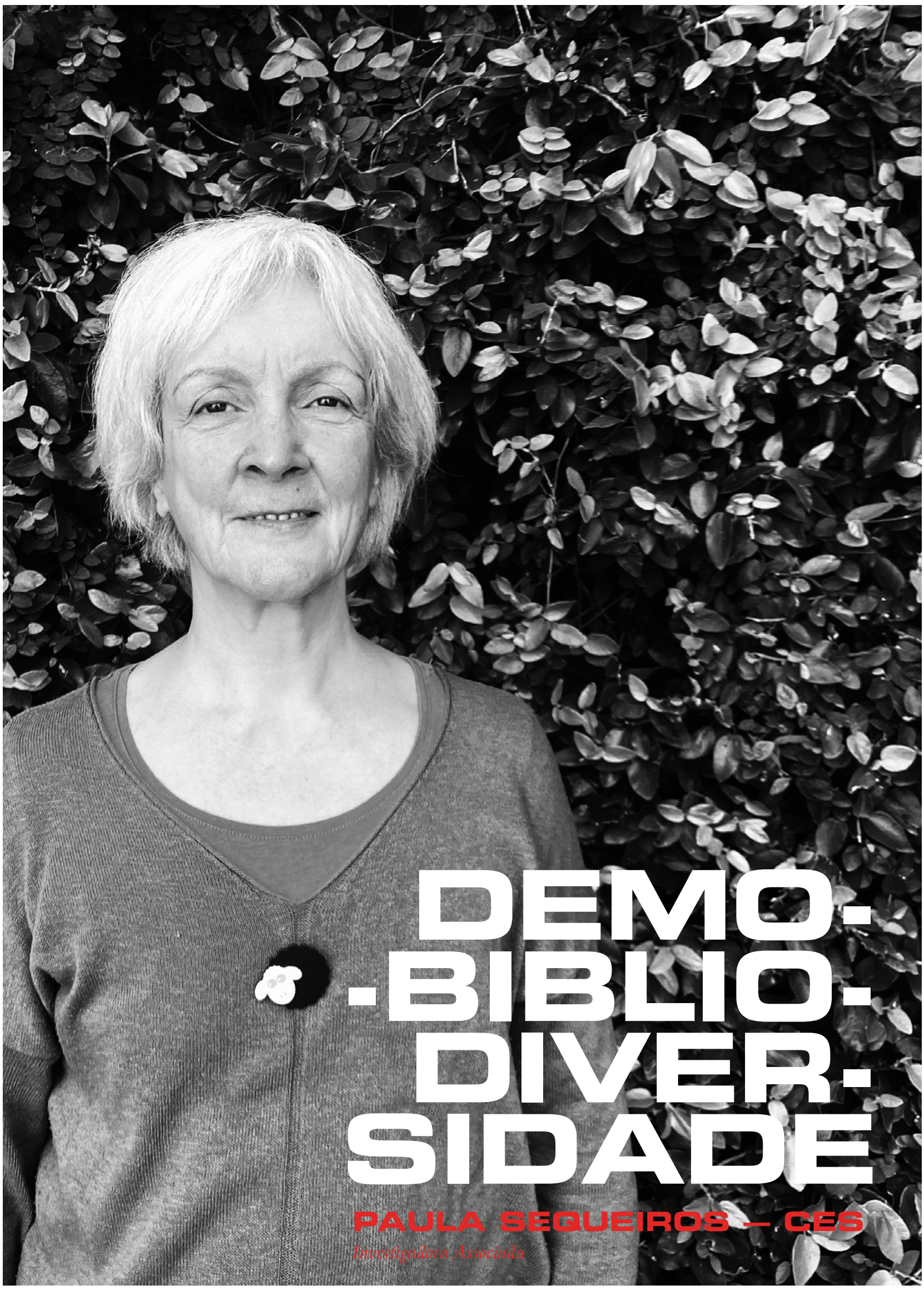
**DEPOIMENTO**  
**DEMO-  
BIBLIODIVERSIDADE**  
*Paula Sequeiros .4*

**OUTRAS BIBLIOTECAS**  
**BIBLIOTECA  
JACQUES DELORS**  
*Célia Santos e Carlos Medeiros .6*

**HOMENAGEM**  
**PEDRO  
NOGUEIRA RAMOS**  
*Luís Cruz .7*

**SUGESTÕES DE LEITURA**  
*.8*





# DEMO- -BIBLIO- DIVER- SIDADE

**PAULA SEQUEIROS — CES**  
*Investigadora Associada*



**C**omo serão as bibliotecas do ensino superior desejáveis? Há outras? Exponho duas questões centrais: *democracia com diversidade, leituras diversas com adequação de espaços e de objetos de leitura.*

*A biblioteca é feita de espaço.*

Começo por um aspeto que dá forma à leitura, sentido mas pouco pensado. Em bibliotecas que não sejam pessoais nem de acesso privado, faz-se leitura pública. Ao ler, apropriamo-nos do espaço de acordo com regras ou usos da instituição e com o que antecipamos ser adequado. A leitura praticada molda diversos lugares e é sentida e valorizada de diferentes modos. Varia como a gente que lê: só ou em grupo, com diversidade de género, funcional, cultural, racial, de idade, nacionalidade, língua, com ou sem familiaridade com a leitura e o espaço.

*A leitura pede lugar*

Refiro-me à leitura oferecida na biblioteca através de documentos de texto, imagem, som ou multimédia, físicos ou digitais. O espaço é recurso primário para os modos de ler. O espaço recebe quem e como? Qualquer pessoa pode esperar ser bem acolhida? Há acessibilidade física e digital? Num espaço de uso coletivo, como o da biblioteca pública ou do ensino superior, que leituras desejamos e não podemos concretizar? Conhecido o espaço, podemos de algum modo modificá-lo no ato de ler, torná-lo um canto nosso escolhendo ou afeiçoando níveis de ruído, conforto, tranquilidade, azáfama? Se o espaço praticado são os lugares, pessoas diferentes enriquecê-lo-ão com a pluralidade de lugares que criam. O que pode ser não só aceite como encorajado, criando condições para atmosferas várias de leitura.

Complicado? Lembrem-se de uma leitura agradável, de estudo ou lazer. Como aconteceu? Em leitura pública (biblioteca municipal, do superior) como foi praticada? Como sentiram a leitura de terceiros? Se estudo é trabalho, o que propiciou esse agrado? Os lugares continham a diversidade de pessoas e usos que referi a abrir o texto?

*Diferença e diversidade, atmosferas de leitura*

Diferentes leitoras/es, diferentes momentos e interações, diferentes leituras, diferentes espaços e regras de uso levar-nos-iam a imaginar e a desejar distintas atmosferas de leitura. A existência de espaços abertos, acolhedores física e relacionalmente também pode ser lida. Onde? Na produção flexível de lugares onde espicaçar a curiosidade, ler, pensar, escrever, surpreender e confrontar, trocar ideias, encontrar união ocupacional com outras pessoas leitoras. Lugares que são feitos em processos sociais de leitura, convivialidade, reflexão, copresença respeitosa, sem ignorar conflitos, mas assumindo abertura com espírito crítico e compromisso social, e com ligação e atenção à sociedade. Portas adentro, por vezes, individualidade e pluralidade ajustam-se. Um só espaço, diferentes lugares.

**P**rossigo com uma exigência fundamental da leitura pública: abrir-se às pessoas que já a procuram e, portas afora, fomentar a entrada. Não estarão longe outras pessoas, outras leituras. Certamente entre aquelas com quem a comunidade – estudantes inscritos ou autónomos, docentes, trabalhadoras/es na instituição – pode manter um diálogo mediado pela biblioteca e imaginar atividades de leitura e de fruição cultural e cidadã. Assim se entenderá como alargar extra-muros e a quem. Poderão ser movimentos sociais, cooperativas, associações, grupos de leitura ou de atividades culturais, livrarias, arquivos, pessoas que venham dando voz a formas várias de cidadania e participação enriquecedoras dos panoramas intelectuais e da vida aprendente dentro do ensino superior.

*A boa biblioteca do futuro é a que se espera hoje e se faz ou se transforma agora. (...) [O] caminho faz-se a ler, com exigência cidadã.*

Complicado? Recordam-se de aprendizagens proveitosas fora da aula e que formaram modos de pensar e de atuar? Foram estudo? Foram trabalho? Cuidar das relações com a envolvente social, territorial de um estabelecimento, cuidar de quem lê é uma forma de trabalho dos cuidados que as bibliotecas podem incorporar. As que o desenvolvem criam uma história de vida democrática com a comunidade escolar, local e de ligação à sociedade. Essa história ganha corpo em usos que se tornam esperados no espaço assim melhorado.

*Objetos de leitura*

Dentro das bibliotecas há objetos organizados com finalidades: leitura para recreação, prazer, aprendizagem, trabalho como profissão, trabalho dos cuidados.

Parece questão de bom senso que a extensão das prateleiras ou o número de objetos de leitura não esclarece sobre a relevância de cada biblioteca – nem se mede ao metro nem ao quilo nem ao Euro. Uma pequena biblioteca – ou pequena coleção – é-nos grande ao conter documentos raros ou temáticas singulares, ao facilitar o tropeço no inesperado, encontros que elucidam ou apoiam, cruzamentos com gente que nos forma por não ser como nós somos, ao ser afável no espaço e no acolhimento, ao conseguir-nos a leitura que, sós, não conseguíamos.

**A**qui põe-se outra questão central: *a bibliodiversidade*. A palavra é longa mas vale a pena. Fala de riqueza em diversidade e não tanto em dimensão física ou preço. Defende ações transformadoras: liberdade de expressão e de acesso à expressão, diversidade das línguas e expressões culturais, solidariedade face às relações de poder na edição globalizada e à relação Norte/Sul no ensino.

Vale a pena? Seja a pena feita de distância ou desconforto, ou de conexão tremida, pode valer muito. Porque abre caminho às perguntas do início do texto e acompanha na procura de soluções.

*E agora?*

Projetar uma biblioteca do superior bibliodiversa, acolhedora e que inclua, com expressão livre e livre acesso à expressão, requer outros saberes e afazeres, o enraizamento na justiça social e a escuta dos ensejos democráticos por concretizar. Um afazer a desenvolver é cruzar as duas questões numa *demo(pessoas)-bibliodiversidade* (objetos e espaços) em que basear as políticas das bibliotecas.

A boa *biblioteca do futuro* é a que se espera hoje e se faz ou se transforma agora. Financiamento e qualificação do pessoal são conhecidamente poucos. Para o fundamental a tecnologia existe. Por fazer, *o caminho faz-se a ler* e com exigência cidadã. ●